

# ***AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE DE JOSÉ SARAMAGO: A MORTE E A MORTE COM LETRA MINÚSCULA***

*Guilherme Nogueira Milner*

*Orientador: Sílvio Renato Jorge*

*Doutorando*

RESUMO: O que aconteceria se nós acordássemos em um país onde um dos maiores medos da nossa espécie se anularia de um dia para o outro? Nas páginas iniciais de *As Intermittências da Morte* lemos que “no dia seguinte ninguém morreu”, e vai ser justamente nessas palavras que Saramago começa a descrever, numa inteligência e ironia ímpar, um país em que ninguém morre dentro de suas fronteiras. Contudo, depois de passar a alegria e a histeria de um momento inicial e sem precedentes na história universal, de pensar-se imortal, essa utopia vai logo mostrar as suas facetas distópicas ao gerar caos e o desespero no funcionamento desse país, até que a morte, como escrito de acordo com ela própria utilizando a letra inicial minúscula, volta para a cena mudando o protocolo milenar de como morrer: agora os moribundos seriam avisados, por carta, uma semana antes da data do traspasse. Para este trabalho, enfim, pretendemos nos apoiar em uma literatura teórica multidisciplinar sobre a morte e o morrer, pensando também nas atitudes diante da morte na égide de nomes como Norbert Elias, Arthur Schopenhauer, Marcel Conche, Philippe Ariès, entre outros, com a finalidade de dialogar o nosso conhecimento sobre a morte e o morrer com a obra supracitada de José Saramago.

PALAVRAS-CHAVE: Morte; José Saramago; Atitudes diante da morte; Schopenhauer

Para este trabalho, apresento um trecho, bastante resumido, do capítulo introdutório da minha ainda embrionária tese de doutoramento. Capítulo em que reviso toda uma literatura sobre a morte e o morrer através de um viés diacrônico e multidisciplinar, utilizando desde distintas correntes filosóficas até o olhar psicanalítico freudiano sobre o tema. Na minha pesquisa, apesar de concentrar meus esforços na sociedade portuguesa do século XIX através das linhas de Camilo Castelo Branco, Júlio Dinís, Castilho e outros nomes entre os escritores portugueses, me desvio levemente desse caminho e dessa época para trabalhar um pouco, como dito, introdutoriamente, a peculiaridade dessa “distópica-utopia”, assim, entre aspas, de uma fictícia sociedade como a que foi imaginada por José Saramago em *As Intermittências da morte*, em que dentro das fronteiras de um também fictício país, a morte – o ser

antropomórfico escrito com letra minúscula, como ela própria gostaria que fosse, afinal, ela não é “a Morte sou simplesmente morte, a Morte é uma cousa que aos senhores nem por sombras lhes pode passar pela cabeça o que seja” (SARAMAGO, p. 112) – deixa de agir e as pessoas simplesmente deixam de morrer, entrando num estado de “morte suspensa”. Assim, se essa imortalidade, em um primeiro momento aparece carregada de uma grande euforia por parte dos lá residentes, criando uma exaltação ufanista na população quando percebem um dos maiores desejos humanidade se concretizando: “esse viver pra sempre”, por outro lado, o país ironicamente começa em pouco tempo a mostrar o quanto a morte de pessoas é significativa seja para a economia; seja para uma “vida normal”: a indústria funerária entra em colapso, afinal, ninguém mais morria. Como lucrar, então? A solução para evitar a falência: enterrar animais domésticos já que esses ainda eram agraciados pelo toque da gadanha e obrigar o governo a exigir da população tais sepultamentos. Com as funerárias salvas, as companhias de seguro vieram logo após reclamar já que suas apólices de seguro de vida, agora inúteis para uma população que não passava para o “outro mundo”, estavam sendo canceladas. Os hospitais não ficaram de fora do problema quando pessoas que já deveriam chegar mortas dos mais absurdos acidentes agora ocupavam eternamente os leitos, cada vez mais cheios. Indo além, apareceram os retiros da terceira idade que perderiam sua rotatividade de ocupantes e os funcionários teriam que lidar todo dia com os mesmos rostos em contínuo definhamento e, então, devemos considerar também os problemas para a previdência pública, que, a longo prazo, criaria o caos econômico e esgotamento do tesouro do país com uma população progressivamente crescente de idosos aposentados, que não morreriam e, assim, jamais perderiam o benefício.

Se Saramago nos fornece essa visão diferente, irônica, da vida imortal, bem nos lembra Chiavenato que “seria ridículo um cientista obcecado pela descoberta de um elixir da juventude ou da longa vida. Ou, mais doidamente, procurando uma fórmula da imortalidade” ainda que esses sejam os sonhos da maioria dos homens e geralmente “absurdos ridicularizados nas artes: óperas, romances, filmes escarnecem esses delírios” (CHIAVENATO, 1998, p. 81). Contudo, seja através da literatura ou de situações recorrentes em nossa vida – afinal, antes da morte do eu, esporadicamente somos obrigados a encarar a morte do outro –, paramos para pensar na pergunta “o que sabemos sobre a morte e sobre o morrer”? Essa “cousa que aos senhores nem por sombras lhes pode passar pela cabeça o que seja”, como diz a própria morte na novela. Segundo Conche, resumindo grosseiramente suas

ideias, há apenas três coisas que nós sabemos de forma absolutamente certa a respeito da morte, considerando dentro do senso comum: 1, que vamos morrer, 2, que não sabemos o que isso significa (aceitando a própria premissa da personagem morte), e 3. que homem algum jamais saberá. Ou, se formos nos apoiar apenas no pensamento biológico, podemos aceitar simplesmente a morte como o fim da vida humana, parte do ciclo natural de todos os seres.

Dando sequência, para Norbert Elias, existem dois jeitos distintos de lidarmos com o fato de que todas as vidas, incluindo as de pessoas que amamos, têm um fim. Uma delas seria pensar na morte como um ritual de passagem, apesar dessa expressão não ser utilizada por ele em sua obra, aceitando que “o fim da vida humana [...] pode ser mitologizado pela ideia de uma outra vida no Hades ou no Valhalla, no Inferno ou no Paraíso” (ELIAS, 2001, p. 7), a segunda maneira, contrariando algumas colocações de Marcel Conche que pontua que enquanto penso, me penso mortal e que não há possibilidades de dissociar a morte do pensamento, ou nas suas exatas palavras: “não deixamos de pensar na morte senão deixando de pensar”, para Elias, contudo:

Podemos tentar evitar a ideia da morte afastando-a de nós tanto quanto possível – encobrimo e reprimindo a ideia indesejada – ou assumindo uma crença inabalável em nossa própria imortalidade – “os outros morrem, eu não”. Há uma forte tendência nesse sentido nas sociedades avançadas de nossos dias. (ELIAS, 2001, p. 7)

O próprio Saramago deixa sua marca sobre o assunto, ainda na obra aqui analisada, pontuando que

morrer é, afinal de contas, o que há de mais normal e corrente na vida, facto de pura rotina, episódio da interminável herança de pais e filhos, pelo menos desde adão e eva, e muito mal fariam os governos de todo o mundo à precária tranquilidade pública se passassem a decretar três dias de luto nacional de cada vez que morre um mísero velho no asilo de indigentes. (SARAMAGO, 2005, p. 130-131)

Se morrer é o que há de “mais normal e corrente na vida, facto de pura rotina”, não há como, partindo desse princípio, concebermos uma vida sem esse término. Para Arthur Schopenhauer, a morte seria a “grande admoestação que o curso da natureza inflige à vontade-de-viver e, mais especificamente ao egoísmo que lhe é essencial” (SCHOPENHAUER, 2013, p.28). Podendo, de acordo com o mesmo pensador, ser uma

punição por nossa existência já que no fundo somos algo que não deveria existir, e, portanto, cessamos de existir (ibidem). Indo além:

Em regra, tranquila e branda é a morte do homem bom; mas a morte obediente, de bom grado e com satisfação é privilégio do resignado, daquele que renuncia à vontade-de-viver e a nega. Pois apenas ele quer de fato, e não aparentemente, morrer; por conseguinte, não necessita da perduração de sua pessoa nem a exige. Renuncia voluntariamente à existência que conhecemos: aos nossos olhos, em vez dela, nada lhe acontece; pois, em relação ao que lhe ocorre, nossa existência nada é. (SCHOPENHAUER, 2013, p.29)

Pensamento de Schopenhauer muito próximo do primeiro senhor, da humilde família de camponeses que Saramago apresenta na novela, aquele que, ansioso por seu destino e infeliz por viver em um estado de “morte suspensa”, sem partir para o outro mundo e sem aqui ter condições de melhorar, acaba por encontrar um meio de morrer e cumprir o ciclo natural da sua vida, “de bom grado e com satisfação”: pede para ser carregado até as fronteiras do país e que fosse pro lado de lá atravessado, afinal, ainda se morria em outras terras e, pensava, dessa forma conseguiria sua paz e tranquilidade. E é nessa troca da “imortalidade”, desejo de grande parte dos homens, pelo descanso eterno, lembra-nos Antoniazzi, em *Morte e Suicídio*, citando Sciacca, que

A nossa vida é suportável, porque é mortal. Se o nosso corpo permanecesse sempre sadio e imperecível, diz Michele Federico Sciacca, então aí seria de verdade nosso “cárcere” e nosso “túmulo”. “Se soubéssemos que não poderíamos morrer nunca, aí sim ficaríamos loucos”. (1984, p. 56)

Desejar a imortalidade, independentemente das condições, seria absurdo e Saramago com um humor refinado deixa isso claro. A pergunta é: qual seria a vantagem de termos seres imortais entre toda a nossa pobreza de espírito e avareza aqui existente? O que tem o ser humano para oferecer até os fins dos tempos? Schopenhauer responde a pergunta quando este coloca em questão se seria desejável retomar uma consciência depois da morte. Diz:

Depois que a morte põe fim a uma consciência individual, seria mesmo desejável reacender essa consciência para fazê-la perdurar no infinito? Em grande parte e, muitas vezes, na totalidade, seu conteúdo não passa de um fluxo de pensamentos mesquinhos, terrenos e pobres e de preocupações sem fim: que se aquietem, de uma vez por todas! (SCHOPENHAUER, 2013, p. 22-23)



Concluindo, entre os anseios da imortalidade e a natural mortalidade da nossa espécie, “a morte é grande ocasião para se deixar de ser Eu: feliz daquele que a aproveita” (ibidem, p. 28). Se a sociedade em nossos dias, para evitar utilizar o termo “contemporâneo”, acredita nessa falsa imortalidade, como descreve Elias quando afirma que podemos evitar a ideia da morte assumindo uma crença inabalável em nossa própria imortalidade, isto é, aceitando que “os outros morrem, eu não” (ELIAS, 2001, p. 7), conforme visto anteriormente, ideia que é repetida e trabalhada por outros filósofos e historiadores como Philippe Ariès em *História da Morte no Ocidente* quando busca mostrar o interdito que foi criado ao redor da morte no início do século XX por uma sociedade burguesa que a vê como uma doença que não pode ser tratada, antes de pensar nela como um simples evento natural, eventualmente, em *As Intermittências da Morte*, as pessoas, não só as em estado de “morte suspensa”, para utilizar o mesmo termo que Saramago utiliza, terão essa percepção de que morrer é necessário, tanto a nível individual quanto ao nível sócio-econômico: o “sonho” de viver pra sempre desabaria com a fragilidade de um castelo de cartas. Quando a morte (lembramos: aquele ser antropomórfico que se nomeia com a letra inicial minúscula), então, decide voltar a trabalhar, seguindo um novo esquema de avisar pelo sistema postal com uma semana de antecedência a data do falecimento do destinatário, o problema com a imortalidade é esquecido, o temor da morte reaparece, e, pelo medo, o desejo de se tornar imortal é reacendido... que fraca lembrança para um passado muito próximo a sociedade possui.

## REFERÊNCIAS

- ANTONIAZZI, Alberto. A morte na abordagem filosófica. In: D’ASSUMPÇÃO, Evaldo A.; D’ASSUMPÇÃO, Gislaïne M. e BESSA, Halley Alves (Coords). *Morte e Suicídio – uma abordagem multidisciplinar*. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- \_\_\_\_\_. *O homem diante da morte*. 1ª Edição. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- CHIAVENATO, Júlio José. *A Morte – uma abordagem sociocultural*. São Paulo: Editora Moderna, 1998.



---

CONCHE, Marcel. *Orientação Filosófica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SARAMAGO, José. *As Intermittências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a morte: pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.